

A MATA COMO ESPAÇO DE ENCANTARIA: UMA RELAÇÃO COM A PENTECOSTALIDADE

Rodolfo Moura¹
Manoel Ribeiro de Moraes Junior²

RESUMO

Falar das presentes e diversificadas influências religiosas que o pentecostalismo herdou durante sua formação histórica requer uma análise abrangente. Contudo, o artigo tem a proposição de construir apenas uma breve análise que provoque o debate acerca da mata como espaço de encantaria³ na cosmovisão pentecostal, sobretudo dos pentecostais que frequentam a vigília da mata, a qual comumente é denominada de “oração do monte”⁴. Esse tipo de encontro ocorre, semanalmente, em uma zona de mata, no bairro de Val-de-Cães, em Belém. Dessa forma, a abordagem objetiva compreender possíveis elementos de ressignificação que o grupo frequentador faz de códigos da cultura religiosa dos povos tradicionais da Amazônia, onde ecoa, em sua forma de expressão religiosa, a importância da mata na qualidade de espaço mágico-religioso, logo, com traços de influência cultural xamânica. Desse modo, a abordagem atende o método qualitativo, produzido mediante observação participante e revisão bibliográfica, esta, especificamente, sobre a temática pentecostal das encantarias e do sincretismo, as quais ajudam na compreensão dessa relação da pentecostalidade com a mata, exteriorizada na vigília.

Palavras-chave: Pentecostalismo; Encantaria; Vigília da mata; Oração do monte; Sincretismo.

ABSTRACT

Talk about the current and several religion influences inherited by pentecostalism during the historical formation request a wide analyse. However, this work has with purpose to introduce a small and soon study which promote discussion about the bush or forest as a space of enchantment under the pentecostal worldview, overall the vision of the members that often are attending in the bush vigil, which is called also as “pray on the mount”. This date occur all the week in a zone of forest, at Val-de-Caes’ neighborhood, in Belem city. Therefore, the approach aim to understand possible elements of redefinition that the group frequently make in code of the religion culture of the usual peoples from Amazonia, where it echo as shape of religion expression the relevance of the forest as magical and religion environment, soon with features from *xamânica* culture. Thus, this study will work under the qualitative method, being produced by the attending observation and bibliography review, which talk about pentecostalism movement, the enchantment and about syncretism, assisting in comprehension of the relation between pentecostal as quality and the forest, saw in the vigil.

Keywords: Pentecostalism; Enchantment; Bush Vigil; Pray on the Mount; Syncretism.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião – PPGCR da Universidade do Estado do Pará - UEPA. E-mail: rodolfomoura2005@yahoo.com.br

² Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e docente da Universidade do Estado do Pará (Brasil). E-mail: manmoelmoares@uepa.br

³ Maués (2005, p. 262) Os encantados, ao contrário dos santos, são seres humanos que não morreram, mas se “encantaram”. Essa crença tem certamente origem europeia, estando ligada às concepções de príncipes ou princesas encantadas que ainda sobrevivem nas histórias infantis de todo o mundo ocidental. Mas foi influenciada por concepções de origem indígena, de lugares situados “no fundo”, ou abaixo da superfície terrestre, e provavelmente também por concepções de entidades de origem africana, como os orixás, seres que não se confundem com os espíritos dos mortos.

⁴ “Monte de oração” é o lugar onde acontecem as vigílias, o termo faz referência às narrativas bíblicas acerca das manifestações sobrenaturais que ocorreram nos montes, como Monte Sinai, Monte da transfiguração, etc.

INTRODUÇÃO

Elaborar uma análise sobre a mata, como natureza de espaço mágico de encantarias na Amazônia, não seria tão incomum, uma vez que existe vasto material produzido por pesquisadores que versam sobre o tema⁵, que compreende um dos principais aspectos da cultura religiosa do norte do Brasil, por assim dizer, parte do senso comum paraense, principalmente do habitante da zona rural.

Entretanto, abordar essa aproximação da cultura religiosa tradicional desse amazônico com o segmento religioso pentecostal, tendo como objeto de investigação a vigília na mata, ou, como preferem os pentecostais, a “oração do monte”, torna-se um desafio frente à escassez que há desse tipo de abordagem, que em um primeiro momento, em um olhar natural, pode apresentar tal relação como inadequada, pois a perspectiva transcultural que se propõe a desconstruir a cultura religiosa do outro, em benefício de uma nova cosmologia religiosa, é exatamente um dos principais *modus operandi* da evangelização pentecostal (RODRIGUES, 2018. p.8). Dessa forma, sugere-se, em um olhar descuidado, descartar qualquer possibilidade de aproximação ou influência religiosas dos ditos povos tradicionais da Amazônia – a saber, religiosidade indígena, africana e do catolicismo popular – com a tradição recente da religião pentecostal.

Há de se ressaltar que, nesse trânsito cultural religioso pentecostal, existe a perspectiva da inculturação à qual o antropólogo Donizete Rodrigues faz referência quando aborda o processo de evangelização indígena na Amazônia, levando em consideração que nesse encontro são partilhados e adaptados códigos religiosos da cosmovisão nativa, que fazem o amazônida recriar sua nova maneira de viver, com destaque para a prática religiosa (2018, p.8). Sendo assim, têm-se exemplificada uma das diversas formas pelas quais se estabelece o pentecostalismo na Amazônia, ou seja, sob o prisma do sincretismo religioso, formando novos arranjos religiosos, frutos do repertório que o paraense dispõe, dada sua herança cultural e religiosa amazônica.

À vista disso, na busca de mediar a relação de dados com as teorias, optou-se pelo método qualitativo de análise, para descrição dos significados que os indivíduos dão aos fenômenos humanos ou sociais (ENGLER; STAUSBERG, 2013), tornando, desse modo, indispensável a observação participante, juntamente com uma revisão bibliográfica, que fornecesse fundamentação oportuna sobre questões acerca do pentecostalismo, encantaria e

⁵ Entre os pesquisadores que abordaram o tema das encantarias, destacamos Eduardo Galvão (1976), Raymundo Heraldo Maués (1990) e Aldrim Moura de Figueiredo (1996).

sincretismo, capazes de responder alguns questionamentos sobre essa dimensão religiosa do mundo mágico pentecostal presente nas vigílias da mata, como: o crente pentecostal vê a mata como um espaço encantado? Caso assim a conceba, como se constitui essa cosmovisão? O pentecostal produz uma ressignificação desse mundo amazônico-mágico-religioso dos povos tradicionais? Por conseguinte, foi estabelecido além da observação participante, entrevistas semiestruturadas com alguns integrantes da vigília em análise, objetivando uma melhor compreensão acerca das questões mencionadas.

Seguindo essas indagações, o artigo tem a proposição de contribuir para o debate em torno da mata, no possível aspecto de espaço de encantaria, porém na concepção do segmento religioso pentecostal. Por conta disso, o texto, em um primeiro momento, traz a descrição de aspectos que a vigília e o pentecostalismo apresentam, para, em seguida, discorrer sobre a mata na qualidade de espaço mágico-religioso.

1. A VIGÍLIA E O PENTECOSTALISMO

A oração é umas das principais marcas da religiosidade pentecostal; sendo assim, torna-se comum que vigílias de orações integrem a rotina desse segmento religioso. Gunnar Vingren⁶, um dos principais pioneiros do movimento pentecostal no Brasil, registra em seu diário que nos primórdios do movimento pentecostal, na década de 1910, no Pará, já existiam vigílias semanais assembleianas (2017, p.59). A vigília é um dos momentos de espiritualização em que mais se evidencia a busca da presença divina, seja de forma individual ou em grupo. O fato é que o religioso pentecostal procura viver a recomendação bíblica de uma vida de perseverante oração (Romanos 12:12). Vale lembrar que o pentecostal faz uma “leitura performática”⁷ da Bíblia (OLIVEIRA, 2017) e, com esse tipo de compreensão das narrativas bíblicas, é natural que potencialize a sua performance religiosa, no que diz respeito a vida de constante oração, a fim de vivenciar experiências sobrenaturais por intermédio da oração, como ocorreram com vários personagens bíblicos.

Essa performance dos pentecostais é, em boa medida, fruto da compreensão literal que fazem dos textos bíblicos, o que, de certa maneira, justifica o *ethos* pentecostal com sua

⁶ Gunnar Vingren era um sueco pentecostal missionário, que atuou no início do século XX na Amazônia e Nordeste brasileiro, e foi do seu trabalho que surgiu a Assembleia de Deus no Brasil.

⁷ Sobre a leitura performática, David Mesquati de Oliveira a descreve da seguinte forma: “A leitura performática não fica presa ao conhecido e decodificado, mas pode avançar e incorporar suspeitas, intuições e experiências pessoais. A ideia de um leitor com função autor desestabiliza a noção tradicional de autor como o princípio de uma certa unidade de escritura. A performance possibilita a mescla entre vivência e ficção e entre texto e biografia pessoal.” (2017, p 123)

dinâmica de transformações ao longo do tempo, mas que preserva traços identitários persistentes e inegociáveis, como a busca por soluções de problemas cotidianos por meio do transe, da cura divina e da possessão espiritual (MACEDO, 2007, p.102), manifestações estas constatadas, com frequência, nas vigílias.

As vigílias, em destaque neste texto, são reuniões de oração, com cânticos, danças, profecias e revelações, realizadas, semanalmente, em uma área de mata da Marinha do Brasil, no bairro de Val-de-Cães em Belém do Pará. Os integrantes desses saraus pertencem a vários grupos pentecostais de distintas denominações, os quais vêm a vigília da mata como um espaço privilegiado de busca espiritual. Essas reuniões são denominadas pela maioria dos integrantes, como “oração do monte”, fazendo referência às hierofanias⁸ bíblicas ocorridas nos montes, que de certa maneira podem contribuir para a escolha da mata na qualidade de espaço de recolhimento e austeridade, já que a região metropolitana de Belém, toda ela assentada em baixadas e planícies, não tem esse acidente geográfico, o monte.

A busca por santificação faz parte da característica pentecostal, na qual entende-se esta santificação como fruto do impacto da presença espiritual sobre o indivíduo no processo das experiências do “novo ser” regenerado (TILLICH, 2005 p.672), que compreende nesse espaço da mata como um lugar diferenciado para oportunizar o processo de santificação do crente, pois fica notório que o espaço urbano, para alguns dos que integram a vigília, difere da zona de mata⁹, justificando o sacrifício das longas horas de oração na madrugada. Pelo que foi observado, forma-se um clima de austeridade nesse espaço de oração, que o transforma em um espaço mágico-religioso, onde o sagrado pode se manifestar e o crente passa a vivenciar, efetivamente, essas manifestações religiosas espacializadas (ROSENDAHL, 2009, p. 52). Esse aspecto de austeridade na busca do sobrenatural, junto ao ambiente natural, foi lembrado pelo geógrafo Yi-Fu Tuan, quando elaborou sua análise sobre topofilia¹⁰, ao dizer:

A bíblia é uma fonte rica de atitudes ambientais conflitantes. Por exemplo, os israelitas tinham a aversão humana normal pelos desertos. O lar que procuravam era

⁸Segundo Mircea Eliade (1992, p.13), as hierofanias se constituem quando o sagrado se manifesta. Segundo o autor: “o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania”. Deste modo, as hierofanias podem se manifestar em um determinado espaço, fazendo com que esse lugar tenha um valor simbólico, pois para o religioso esse lugar é diferente, visto que, como dito, ali o sagrado se evidencia, à semelhança do que se lê nas narrativas bíblicas acerca do “Monte da Transfiguração” (Mateus 17:1-17), ou do Monte Sinai (Êxodo 19), entre outros.

⁹ Em entrevistas com os participantes, fica claro que para boa parte deles a vigília na mata não tem o mesmo valor espiritual em relação a uma vigília no templo, a mata é preferida por vários aspectos; segundo alguns: a presença de Deus é maior, a mata é para quem quer vencer batalhas espirituais do cotidiano urbano, um lugar de melhor meditação e de busca por santificação, onde o sacrifício é maior, entre outros motivos.

¹⁰Sobre topofilia, o geógrafo Yi-Fu Tuan a define como: “todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (TUAN, 1980, p. 107)

uma terra de leite e mel. Mas, o ascetismo, ao identificar o mérito humano e a graça de Deus com o selvagem, persistiu com um profundo ideal compensador. Os encontros com Deus, tanto direta como indiretamente, através dos profetas, se deram em cenários de desolação, longe dos sons perturbadores [...] A paisagem despida espelhava a pureza da fé. Nos primeiros séculos do cristianismo, os eremitas buscaram Deus, exaustivamente, no silêncio e no vazio do deserto. As suas atitudes para com a natureza e o meio ambiente poderiam ser muito excêntricas. O eremita egípcio Antão, investiu contra o nascer do sol por perturbá-lo em suas orações. [...] São Jerônimo escreveu: "Uma cidade é uma prisão, a solidão do deserto um paraíso." Na idade moderna, Deus está ausente do mundo, mas o deserto conserva sua atração ambivalente para as pessoas de temperamento ascético (TUAN, 1980, p.60)

A austeridade na vigília é justificada exatamente pela busca da presença de Deus, a qual, essa rigidez, implica em considerar que, quanto maior a dificuldade, maior a recompensa. Uma líder de um determinado grupo de oração que será identificada pelo nome fictício de Débora¹¹, em entrevista, afirmou que ela e seu grupo dão, sempre, preferência em realizar suas reuniões no monte¹² de acesso mais difícil; explicou que quanto maior o desafio pra ali chegarem, maior é a recompensa do “alto” e completou relatando um caso de um certo homem que passa semanas dentro da mata orando buscando a presença divina, e que segundo ela, embora desempregado ele leva uma vida bem abundante financeiramente, fruto de muito sacrifício na hora de buscar a presença de Deus. Observa-se que, nesse caso, fica subentendido que Deus recompensa o seu forte envolvimento nessa busca espiritual, em um sentido proporcional a sua devoção.

A experiência emocional toma conta das reuniões e essas experiências extáticas são atribuídas ao poder da manifestação do Espírito Santo, identificados pelos dons espirituais da glossolalia, profecia, visões, revelações, dentre outras formas que acreditam ser oriundas do poder sobrenatural, o que produz um “estado de efervescência” (DURKHEIM, 2008, p.274). Sendo assim, as reuniões são conduzidas sob ritmadas músicas, as quais, os envolvidos a denominam como “corinho de fogo”¹³, em algumas reuniões utilizam instrumentos de percussão, como tantã, pandeiro, entre outros, que contagiam as reuniões fazendo os crentes ali presentes dançarem de forma emotiva.

¹¹ Serão utilizados no artigo nomes fictícios para os entrevistados.

¹² A área de mata onde acontecem às vigílias são constituídos de vários pontos de oração, que os participantes chamam de “monte”. Segundo alguns, nessa área de mata existem aproximadamente dez montes. No caso, nada mais são do que lugares específicos onde ocorrem as orações.

¹³ O cientista social Robson Rodrigues de Paula (2016, p.56) descreve o referido cântico da seguinte forma: “o ‘corinho de fogo’ possui uma configuração relativamente simples: temas objetivos e diretos, poucos e repetitivos versos e uma constância rítmica. Assemelha-se ao baião, mesmo que, para a sua execução, além da viola caipira, sanfona, triângulo, flauta doce e acordeon - instrumentos formadores da estrutura básica deste gênero musical-, sejam usados guitarra, contrabaixo, pandeiros, chocalhos, baterias etc.”. Vale acrescentar que no caso das vigílias, os corinhos preferidos são os que trazem letras que se reportem a batalha espiritual”.

Esse tipo de dança eles identificam como “dança de mistério” ou do “reteté”¹⁴, este é um termo novo utilizado para identificar a forma mais fervorosa da pentecostalidade, dessa forma, deixando compreensível que a dança é proveniente da influência divina e que Deus está fazendo a “obra” na vida da pessoa no momento da dança. O pesquisador Cleyton Guerreiro, em seu trabalho de pesquisa intitulada de “A gira do reteté”, analisou uma determinada vigília pentecostal na Baixada Fluminense e percebeu a importância do corinho de fogo para aquela reunião e fez a seguinte descrição, na qual é bem familiar à vigília de mata aqui abordada:

No “reteté” se dança (e muito!) no balanço dos corinhos de fogo. Ao toque dos instrumentos musicais e ao som das letras dos corinhos, os fiéis dançam e se balançam. Dentre milhares de pessoas reunidas, é raro e, talvez, quase impossível, observar alguém que não se balance (2016, p.70)

Esse tipo de manifestação religiosa faz parte do repertório identitário pentecostal de traço marcadamente popular, independente e agregador, o pesquisador Emiliano Macedo, ressalta que:

[...] as emoções nos louvores permitem ao pobre se expressar mais livremente, suas frustrações, medos e esperanças. As várias manifestações de glossolalia, curas divinas e possessões espirituais todos constituem maneiras de expressão. Todas essas práticas acabam sendo mais inclusivas que exclusivas como ocorre na Igreja Católica e o Protestantismo tradicional, ambos com intrincados rituais religiosos e exigências de formação teológicas para seu clero. (2007, p.95)

Assim sendo, a vigília da mata é para o pentecostal um refúgio com certa independência religiosa na qual se anseia a aproximação com o sobrenatural, logo a mata torna-se um lugar mágico repleto de encanto e mistério, bem como é compreendido por outras formas de expressão da religiosidade popular amazônica, dessa maneira a mata configura-se como espaço encantado também para o pentecostal, como será abordado a seguir.

2. O ENCANTO DA MATA

O poeta paraense João de Jesus Paes Loureiro (2000, p.371), ao descrever a paisagem amazônica, atribui em sua descrição o papel místico da floresta, a qual traz a incorporação das encantarias como lugar de habitação dos deuses que são produzidos pelo religioso amazônico, essa descrição é relativa à forma de expressão religiosa do “caboclo amazônico”, que é

¹⁴ A “dança de mistério” está relacionada com o reteté, e o reteté é entendido como uma espécie de ritual religioso desenvolvido pelos pentecostais, que é momento onde o crente experimenta de forma mais intensa a manifestação do poder divino, que envolve as expressões verbais, gesticulações, postura corporal fruto da ação sobrenatural atribuído ao poder do Espírito Santo ou pela presença de Jesus.(GUERREIRO, 2016, p.21)

entendido como o religioso interiorano que herdou sua cultura religiosa, em função do sincretismo que ocorreu ao longo do processo de ocupação da Amazônia, com destaque à ancestralidade ameríndia, catolicismo ibérico, religiosidade de matriz africana, entre outros (GALVÃO, 1976, p.3; FIGUEIREDO, 1996, p.97).

Assim, essas encantarias desenvolvidas por esse religioso foi fundamental para um “catolicismo popular”, uma vez que esse tipo de catolicismo agregou xamanismo caboclo e a atuação dos pajés, formando uma cultura religiosa popular (MAUÉS, 2017, p.245), com crença nos encantados (MAUÉS, 2005, 1990), que compreende a participação de padres, pajés, curadores, benzedores constituindo um corpo de crenças mágico/religiosa no que formou o ambiente cultural/religioso da Amazônia. Sendo nesse contexto que: “O Brasil sincrético dos indígenas, catolicismo e cultos africanos é marcado por uma religiosidade com muita abertura para a manifestação do êxtase e suas variantes, onde o pentecostalismo encontra campo fértil” (ALENCAR, 2013, p. 50).

Desta forma, o pesquisador Gustavo Soldati ao analisar os evangélicos na Amazônia paraense, na tentativa de compreender o discurso da palavra escrita e pregada em um contexto rico do imaginário religioso das encantarias e pajelanças, acredita que os evangélicos no Pará, sobretudo os pentecostais, reinventam suas próprias encantarias. O mesmo busca construir a categoria “evangélico encantada”, como forma de compreender as construções identitárias dessa pluralidade evangélica decorrente das ressignificações que esse segmento religioso formula diante desse imaginário encantado que é a Amazônia (2016, p.79).

Pretende-se, com essa breve contextualização, destacar que a reinterpretação que o pentecostal que frequenta as vigílias da mata constrói acerca da mata no sentido de espaço encantado, pode ser entendido em conformidade com a herança ancestral religiosa do amazônico e pelas formas de manifestação religiosa do pentecostalismo, que agregam semelhanças no que se refere ao êxtase, cura, em uma nova roupagem de curandeirismo ou xamanismo em um jogo semântico e de ressignificação religiosa (RODRIGUES e MORAES, 2018, p.914), pois como em todo imaginário religioso o universo simbólico pentecostal também constituem suas narrativas místicas, pela qual constroem suas encantarias, exercendo influência da cultura religiosa cabocla, que reúnem aspectos da religiosidade ameríndia, africana e europeia (GUSTAVO, 2016, p.81).

Isso justifica, por exemplo, o relato de um de nossos interlocutores:

Aqui no monte temos que entrar preparado, não pode ser de qualquer jeito, sem consagrar a vida¹⁵. Certa vez entrei com os irmãos para orar, sem estar preparada. Quando cheguei em casa, senti fortes dores no pé. Depois de muita oração pra dor passar, o Senhor me deu o discernimento que a dor era por causa de uma seta¹⁶, lançada pelo Rompe Mato¹⁷. Desde então, nunca mais entrei sem me consagrar. Aqui na mata é guerra espiritual (CLOÉ, 2018).

Nota-se com isso, uma nova compreensão acerca da referida encantaria de matriz afro-brasileira, que embora seja feita em conotação pejorativa, não é negado como parte do imaginário religioso pentecostal, ainda que seja entendido como força maligna que, de uma forma ou outra, o interlocutor pentecostal acaba sustentando o imaginário das encantarias da mata, atribuindo ao local da vigília um ambiente mágico/religioso. Seguindo essa lógica do entrelaçamento de crenças, a antropóloga Marina Guimarães Vieira, em sua pesquisa sobre “caboclos, cristãos e encantados”, observou em uma determinada comunidade na Amazônia, que os “crentes” da comunidade alegavam não acreditarem em seres da mata ou dos rios, paradoxalmente muitos deles tinham receio de permanecerem sozinhos em locais próximos ao rio ou à mata, outros contavam histórias dos encantados e tinham muito medo (2012, p.147).

Paulo, um dos participantes da vigília, ao ser indagado sobre a motivação que o levaria a escolher a mata como local de oração, trouxe a seguinte alegação: “aqui na mata, é guerra espiritual, os demônios que guerreiam aqui são os que expulsamos lá fora”, sendo assim a mata para esses pentecostais é um lugar diferente do ambiente urbano, há um valor simbólico/religioso espacializado que justifica essas reuniões na austeridade noturna desse ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pentecostalismo na região amazônica, como qualquer outra forma de expressão religiosa é marcado pelo sincretismo, sobretudo, pela forma como se concebeu o processo histórico brasileiro (FERRETTI, 2001, p.13). Desta maneira, nesses encontros e desencontros do repertório religioso do pentecostal paraense, com a cultura religiosa dos ditos povos tradicionais da região, justifica de algum modo a forma como o crente desenvolve sua devoção na vigília da mata, pois para esses a mata não é um lugar qualquer, mas sim um espaço que representa magia, mistério e encanto onde o crente busca o sobrenatural, em muitos casos, por intermédio do êxtase religioso justificado pelo poder que o Espírito Santo se

¹⁵ A consagração geralmente é compreendida pelos pentecostais, através do sacrifício do jejum e oração que, na maioria das vezes, tem um propósito de fortalecimento espiritual do crente.

¹⁶ No caso, uma flecha espiritual de força maligna.

¹⁷ **Rompe Mato** é uma entidade presente na umbanda, Jurema, Catimbó e Encantaria que é vista em sua ressignificação de forma pejorativa pelos pentecostais, os quais atribuem a ele um caráter demoníaco.

encarrega em oferecer ao crente, que faz desse transe pentecostal transparecer uma “justaposição” ou um “paralelismo” (FERRETTI, 1995, p.90) do transe xamânico das expressões religiosas tradicionais da Amazônia.

Portanto, retomando a descrição que Paes Loureiro elabora sobre a paisagem amazônica, porém fazendo uso em uma luz interpretativa do pentecostalismo desenvolvido na vigília da mata, pode-se descrever no seguinte sentido: a mata incorpora a encantaria que é o lugar de mistério em que o crente vai buscar a presença do Deus que acredita. Assim sendo, com um olhar sob as formas de manifestações religiosas percebidas na vigília da mata, o artigo procurou descortinar alguns novos sentidos que o crente faz de códigos da cultura/religiosa tradicional amazônica, a qual ateste de alguma maneira que a mata é vista por muitos pentecostais como um espaço de encantaria.

Nessa perspectiva, este artigo tratou de uma importante forma de expressão de religião na Amazônia. Ambiente e cultura se entrecruzam numa recriação local onde imaginário, práticas religiosas imigrantes e recriações são dinâmicas de cultura que fazem do pentecostalismo em Belém algo com digitais próprias. As expressões extáticas, os cultos acontecidos sem rigidez litúrgica, as expressões multiculturais entre religiões locais ressignificadas nos cantos, nas orações, nos testemunhos e nas pregações, são momentos nos quais as encantarias, os mitos, as curas e os males expressos nas culturas locais ganham presença em forma de crenças dentro de um mundo específico do cristianismo.

O pentecostalismo é marcado fundamentalmente pela experiência mística com o sagrado. Isso significa que a relação entre os indivíduos e o sagrado tem menor intermediação sacerdotal, normativa etc.

Sendo assim, as práticas pentecostais dispõem o cristianismo evangélico de origem protestante, às modulações significativas de uma cultura local. É assim que as encantarias e as práticas de cura tradicionais do mundo amazônico (MAUÉS 1990; GALVÃO, 1976) ganham presença e expressão nos cultos e nas orações que acontecem nas igrejas pentecostais.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon. **Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus, 1911-2011**. Rio de Janeiro: Editora Novos Diálogos, 2013.

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. Tradução de Joaquim Pereira Neto. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2008.536p

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ENGLER, Steve; STAUBERG, Michael. Metodologia em Ciência da Religião. In: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank (Orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013.

FERRETTI, Sérgio F. Notas sobre o sincretismo religioso no Brasil - modelos, limitações e possibilidades. **Tempo**, vol. 6, pp. 13-26, núm. 11, jul, 2001.

_____. **Repensando o Sincretismo: Estudo sobre a Casa das Minas**. São Paulo/ São Luís: Editora da Universidade de São Paulo/ FAPEMA, 1995.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **A cidade dos encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazonia: a constituição de um campo de estudo 1870-1950**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências, 1996.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.p. 67-159.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens**. 2. ed. São Paulo: Ed.Nacional; Brasília: INL, 1976.

GUERREIRO, Clayton S. **A gira do “reteté”: Uma análise das disputas sobre o “pentecostalismo legítimo”**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2016.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Obras reunidas**. São Paulo: Editora Escrituras, vol. 3, 2000.

MACEDO, Emiliano Unzer. **Pentecostalismo e religiosidade brasileira**. 2007. 261 f. Tese (Doutorado)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MAUÉS, R. Heraldo. **A ilha encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores**. Belém: Edufpa, 1990.

_____. **Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 19, n.53, p. 259-274, 2005.

_____. **Não é possível entender as populações amazônicas sem considerar suas práticas religiosas populares**. Revista **Terceira Margem Amazônica**. São Paulo, v.2, n.6, p 243-255, mar. 2017. Entrevista concedida a Roberto Araújo Martins e Tânia N. O. Miranda.

OLIVEIRA, David Mesquiati; GONCALVES, J. M. A leitura da Bíblia no pentecostalismo a partir da Estética da Recepção. **Unitas-Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões**, v. 5, p. 32-42, 2017.

PAULA, R. R.. “Sinta este fogo irmão”: cosmologia pentecostal, noção de pessoa e “corinhos de fogo”. **Tempo da Ciência (UNIOESTE)**, v. 23, p. 52-64, 2016.

REIS, Gustavo S. Evangélicos na Amazônia Paraense: identidade entre as representações da palavra escrita e imaginada. **Observatório da Religião**, v. 03, p. 76-91, 2016.

RODRIGUES, Donizete aparecido. Diversidade Religiosa e pentecostalismo na Amazônia: Pax Domini, v.3, p. 03-11, 2018.

_____; MORAES JUNIOR, Manoel Ribeiro de. A pentecostalização de Povos Tradicionais na amazôna: aspectos conceituais paa uma antropologia de identidades religiosas. **Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião(online)**, v.16, p. 900-918,2018.

ROSENDAHL, Zeny. **Hierópolis: o sagrado e o urbano**. 2 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 7ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

VIEIRA, Marina Guimarães. **Caboclos, Cristãos e Encantados: Sociabilidade, Cosmologia e Política na Reserva Extrativista Arapixi – Amazonas**, 298 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social)- Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade federal do Rio de Janeiro-RJ, 2012.

VINGREN, Ivar. **Diário do pioneiro**. 5 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

Entrevistas

DAMASCENO, Paulo. Falando sobre a vigília. Belém-PA, 08 jun. 2018. Entrevista concedida a Luís Rodolfo da S. Moura.

CLOÉ, Maria. Falando Sobre a vigília. Belém-PA, 08 jun. 2018. Entrevista concedida a Luís Rodolfo da S. Moura.

ANDRÉ, Jonas. Falando Sobre a vigília. Belém-PA, 08 jun. 2018. Entrevista concedida a Luís Rodolfo da S. Moura.

SILVA, Débora. Sua visão da vigília. Belém-PA, 24 jul. 2018. Entrevista concedida a Luís Rodolfo da S. Moura.[a entrevista encontra-se gravada em arquivo MP3 74:31min]

Recebido em: 15/07/2019
Aprovado em: 09/08/2019